

**PROGRAMA A COR DA CULTURA E O RESGATE DE UMA  
PEDAGOGIA ANTIRRACISTA**

**THE COLOR OF CULTURE PROGRAM AND THE RESCUE OF AN  
ANTIRACIST PEDAGOGY**

**EL PROGRAMA COLOR DE CULTURA Y EL RESCATE DE UNA  
PEDAGOGÍA ANTIRRACISTA**

Gisele Rose da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO**

No ano de 2003, a Lei 10.639 estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de conteúdos de História da África e dos negros no Brasil em todo currículo dos sistemas de ensino. A lei foi regulamentada pelo parecer 03/2004 do Conselho Nacional de Educação (CNE), que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Culturas Afro-brasileiras e Africanas. Com base na referida Lei, no ano de 2004, o Canal Futura em parceria com a Petrobras, o Cidan - Centro de Informação e Documentação do Artista Negro, o MEC – Ministério da Educação e Cultura, a Fundação Palmares, a TV Globo e a Seppir - Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial iniciaram o projeto educativo “A Cor da Cultura”. O presente artigo visa abordar a importância do programa “A Cor da Cultura” na discussão sobre História e Cultura afro-brasileiras e africanas, mediante a implementação de uma pedagogia antirracista, difundida em todo país, que produziu materiais audiovisuais, ações culturais e coletivas visando práticas positivas e de reconhecimento.

**Palavras-chave:** Lei 10.639/2003, A Cor da Cultura, Antirracismo.

**ABSTRACT**

In the year 2003, law 10.639 established the obligation to teach the contents of the History of Africa and blacks in Brazil in the entire curriculum of the education systems. The law was regulated by opinion 03/2004 of the National Education Council (CNE), which instituted the National Curriculum Guidelines for the Education of Ethnic-Racial Relations and for the Teaching of Afro-Brazilian and African History and Cultures. Based on the aforementioned law in 2004, Canal Futura in partnership with Petrobras, Cidan - Center for Information and Documentation of the Negro Artist, the MEC – Ministry of Education and Culture, the Palmares Foundation, TV Globo and Seppir - Secretariat of policies for the promotion of racial equality start the educational project “A Cor da Cultura”. This article aims to address the importance of the program “A Cor da Cultura” in the discussion of Afro-Brazilian and African History and

---

<sup>1</sup>Mestre em Relações Étnico-Raciais (CEFET-RJ), especialista em Ciências Sociais Aplicadas (UFRJ) e graduada em Filosofia (UFRJ). Professora da SEEDUC-RJ. E-mail: rose.gisele@gmail.com.br

Culture, through the implementation of an anti-racist pedagogy, spread throughout the country, carrying out audiovisual products, cultural and collective actions aiming at positive and recognition practices.

**Keywords:** Law 10.639/2003, The color of Culture, Anti-racism.

### **RESUMEN**

En el año 2003, la ley 10.639 establece la obligación de enseñar los contenidos de la Historia de África y los negros en Brasil en todo el plan de estudios de los sistemas educativos. La ley fue regulada por el dictamen 03/2004 del Consejo Nacional de Educación (CNE), que instituyó las Pautas del plan de estudios nacional para la educación de las relaciones étnico-raciales y para la enseñanza de la historia y las culturas afrobrasileñas y africanas. Con base en la ley mencionada en 2004, Canal Futura en sociedad con Petrobras, Cidan - Centro de Información y Documentación del Artista Negro, el Ministerio de Educación y Cultura - MEC, la Fundación Palmares, TV Globo y Seppir - Secretaría de políticas para la promoción de La igualdad racial inicia el proyecto educativo “A Cor da Cultura”. Este artículo tiene como objetivo abordar la importancia del programa “A Cor da Cultura” en la discusión de la historia y cultura afrobrasileña y africana, a través de la implementación de una pedagogía antirracista en todo el país, llevando a cabo productos audiovisuales, acciones culturales y colectivas dirigidas a prácticas positivas y de reconocimiento.

**Palabras clave:** Ley 10.639/2003, El color de la cultura, el Antirracismo.

### **INTRODUÇÃO**

O marco histórico da Lei 10.639/03 evidencia uma demanda de formação e qualificação de docentes e instituições de ensino, ressaltando a necessidade de construção de curso de formação para fomentar a renovação de currículos e práticas.

No processo de formação de educadores e educadoras, se torna imprescindível uma reorganização de termos de conhecimentos pedagógicos, qual seja uma reeducação para as relações ético-raciais, que traz a necessidade de rever conteúdos que foram marcados pelo eurocentrismo. Dito isto, o programa “A Cor da Cultura” prevê uma série de atividades com o objetivo de tornar acessíveis às escolas os conteúdos dos programas, visando implementar ações culturais e educativas de forma a contribuir para a valorização e preservação da culturas afro-brasileiras, ressaltando a diversidade, pois:

Num mundo de grandes desigualdades, nem sempre é fácil lidar com a diferença. Ela está em toda parte. Por vezes, é mais simples percebê-la quando a questão envolve apenas dois times de futebol, duas religiões, dois partidos políticos, duas formas de agir. Na abordagem de temas mais complexos, ou simplesmente se a proposta exige um exercício crítico rigoroso, podemos

dizer que, mesmo entre os mais semelhantes, habitam numerosas diferenças – afinal, cada ser humano é único no conjunto de suas características (BRANDÃO & SANTOS, 2015b, p. 9).

A Fundação Roberto Marinho/Canal Futura criou o programa “A Cor da Cultura” em 2004. Baseado nos princípios de equidade, respeito às diferenças, pluralidade, diversidade, diálogo e trocas, o projeto tem como objetivo contribuir para a valorização do patrimônio cultural afro-brasileiro. Como parte do projeto, foram realizadas pesquisas e produzidos diversos recursos didático-pedagógicos visando incluir a temática nas agendas das escolas através da formação de educadores e educadoras (professores de vários níveis, coordenadores pedagógicos, técnicos das secretarias de educação, graduandos e representantes do movimento social) e da doação dos kits pedagógicos às escolas, universidades e ONGs que trabalhavam com a temática racial. A ação abrangeu catorze Estados do país <sup>2</sup>.

O programa “A Cor da Cultura” é uma parceria entre o Canal Futura, o Cidan – Centro de Informação e Documentação do Artista Negro, a Seppir – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, a TV Globo, a TV Educativa e a Petrobras, visando unir esforços para a valorização e preservação do patrimônio cultural afro-brasileiro.<sup>3</sup>

O projeto “A Cor da Cultura” tem dois grandes componentes: a produção audiovisual e a formação de professores. A produção audiovisual inclui cinco grades de programação. Os programas são:

1) “Ação”, exibido na TV Globo e na Canal Futura, que propôs a produção de quatro episódios dedicados a retratar iniciativas sociais afirmativas desenvolvidas por organizações não-governamentais em todo o país que tenham a população afrodescendente;

2) “Livros Animados”, que teve dez edições e incentiva a leitura junto ao público infantil, destacando escritores, temáticas afro-brasileiras e africanas e visibilidade de artistas negros em várias áreas – da interpretação à produção literária.

3) O programa “Nota 10”, do Canal Futura, voltado para metodologia de ensino e formação de educadores, que teve cinco edições com exibição de práticas pedagógicas, bem como a realização de debate com educadores sobre História e Cultura afro-brasileira;

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/relacoesraciais/a-cor-da-cultura/>. Acesso em: 07 fev. 2020.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/Marco%20Conceitual.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2020.

4) “Heróis de todo mundo” uma série com trinta programas de dois minutos de duração cada, que retrata vida e a obra de homens e mulheres negros que se destacaram nas diferentes áreas do conhecimento no Brasil;

5) “Mojubá”, exibido no Canal Futura e na TVE, com sete documentários sobre as religiosidades de matriz africana, a história dos quilombos e de outros valores da negritude presentes na cultura brasileira.

O projeto prevê uma série de ações culturais e educativas com foco na produção e veiculação de programas sobre o histórico de contribuição da população negra à sociedade brasileira. Esta produção, transformada em material didático, aplicado e distribuído nas escolas públicas, deverá ampliar o conhecimento e a compreensão sobre a história dos afrodescendentes e histórica da África e tem como objetivos: criar materiais audiovisuais sobre história e cultura afro-brasileiras; valorizar iniciativas de inclusão, dando visibilidade a ações afirmativas já promovidas pela sociedade e contribuir para a criação de práticas pedagógicas inclusivas e possui como marco inicial:

Reconhecer exige que se questionem relações étnico-raciais baseadas em preconceitos que desqualificam os negros e salientam estereótipos depreciativos, palavras e atitudes que, velada ou explicitamente violentas, expressam sentimentos de superioridade em relação aos negros, próprios de uma sociedade hierárquica e desigual. Reconhecer é também valorizar, divulgar e respeitar os processos históricos de resistência negra desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade, desde as formas individuais até as coletivas. Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos, fazendo pouco das religiões de raiz africana. Implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele, menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, não sejam desencorajados de prosseguir estudos, de estudar questões que dizem respeito à comunidade negra. Parecer elaborado pela Prof. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, membro do Conselho Nacional de Educação para fundamentação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (BRASIL, 2004, p. 3-4).

O programa “A Cor da Cultura”<sup>4</sup> tem como objetivo: 1) formar/capacitar os (as) professores (as) indicados(as) pelas secretarias municipais e estaduais de educação para implementação/utilização do material pedagógico “A Cor da Cultura”, ampliando assim o conhecimento e a compreensão sobre a história dos(as) afrodescendentes e a história da África e contribuindo para que os objetivos previstos da referida Lei venham a ser atingidos; 2) fomentar a formação docente acerca das africanidades brasileiras; 3) planejar ações pedagógicas que estabeleçam uma estreita relação entre o material pedagógico “A Cor da Cultura” e o universo dos docentes, as suas realidades, no cotidiano diverso do universo escolar; 4) disseminar contribuições e participações da(s) cultura(s) negra(s) para a sociedade brasileira como um todo e contribuir, pelo caminho da ação educativa escolar, para a erradicação dos efeitos das discriminações sociais e étnico-raciais que perpassam o nosso país e:

O que propomos é que, ao assistirmos aos programas do projeto A cor da Cultura e nos depararmos com falas, práticas e credos distintos dos nossos, ou daqueles que desejamos ter, possamos ouvi-los, vê-los e senti-los profunda e respeitosamente. E mesmo que não mudemos o nosso modo de ser, saibamos que nossa leitura está sendo o tempo todo atravessada – ou, como dizem nos estudos de Educação, mediada – por um lugar no mundo que acreditamos ocupar. Abrirmos à nossa frente essas diferentes histórias pode nos ajudar a rever esse lugar (BRANDÃO & SANTOS, 2015a, p. 13).

Vale ressaltar que, quando a Lei 10.639/03 foi promulgada, surgiu a impressão de que, a princípio, esta obrigatoriedade recairia apenas sobre os docentes da Educação Básica e estes teriam que promover práticas que pudessem suprir as necessidades da discussão sobre a História da África e dos afrodescendentes no Brasil. Porém, posteriormente, foi comprovado que a aplicação da referida Lei se daria em todos os níveis de ensino.

De acordo com a avaliação do programa “A Cor da Cultura”<sup>5</sup>, podemos destacar que: o programa atendeu, expressivamente, ao Ensino Fundamental (cerca de 70%) e foi expandido para outras escolas (segundo 1/3 dos gestores), alunos (79%) e professores (85,3%) se colocaram mais sensíveis quanto à necessidade de eliminação de práticas discriminatórias; a maioria dos professores das escolas priorizou a discussão dos temas propostos (75,6%) e tiveram facilidade para articulá-los aos conteúdos de suas áreas e disciplinas (59,5%); o

<sup>4</sup> A Cor da Cultura. Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

<sup>5</sup> Avaliação do programa A Cor da Cultura. Disponível em: [http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/documentos/Avaliacao\\_do\\_programa\\_A\\_Cor\\_da\\_Cultura.pdf](http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/documentos/Avaliacao_do_programa_A_Cor_da_Cultura.pdf). Acesso em: 25 jun. 2020.

programa criou raízes em boa parte das escolas mediante a revisão de propostas curriculares, a discussão do projeto político pedagógico ou criação de grupos de estudo em torno dos temas.

Ainda que a Lei 10.639/03 represente uma importante conquista, é evidente que o texto da lei não representou, por si só, a promoção de uma pedagogia antirracista, visto que um dos desafios do programa foi o baixo investimento financeiro das Secretarias Municipais de Educação (SME), a fluidez ou inexistência de acompanhamento pelos órgãos municipais e a participação restrita de outros atores no planejamento das ações (universidades, ONGs e outros grupos culturais e religiosos etc.).

### **PEDAGOGIA ANTIRRACISTA**

O projeto “A Cor da Cultura” propõe uma pedagogia antirracista, que significa, antes de qualquer coisa, compreender que o racismo existe e permeia as instituições de ensino no Brasil e isso ocorre porque na nossa estrutura social o racismo é uma constante e pode ser apresentado de várias formas.

A questão se inicia em ideias que são reproduzidas corriqueiramente no ambiente escolar, como por exemplo, a de que os negros contribuíram para a formação do Brasil. Se analisarmos de forma mais ampla esta afirmativa, perceberemos que ela dá a entender que se o povo negro contribuiu, é porque já existia um Brasil completamente construído. Não é assim que analisaremos, posto que o povo negro participou efetivamente da formação do Brasil e também da formação do que chamamos de povo brasileiro.

No momento em que uma educadora ou educador se nega a discutir a diversidade racial que constitui a estrutura do nosso país, afirmando que somos todos iguais; que utiliza o imaginário do europeu colonizador; que parte de um padrão eurocêntrico e naturaliza a narrativa de uma única história, hierarquizando a produção cultural e de conhecimento dos grupos humanos não-europeus e tratando-os como primitivos, inferiores ou até mesmo irracionais, torna-se necessário criar um ambiente onde exista a desconstrução dessas ideias e a inserção de uma outra história.

Pensar uma pedagogia antirracista significa propor uma educação pautada no reconhecimento da diferença e da luta contra todas formas de discriminação. Dito isto, precisamos, inclusive, compreender os tantos danos que o racismo causa no cotidiano escolar e repensar essa situação, pois:

Acreditamos, como seres humanos comprometidos com a educação deste país, que mudanças metodológicas, didático-pedagógicas, de mentalidade e da práxis precisam com urgência ser implementadas. Cada vez mais se acirra o abismo entre a educação escolar (sobretudo a pública municipal e estadual), o trabalho, as práticas sociais e a experiência extraescolar. [...] Escolas quebradas, gradeadas, assaltadas, apedrejadas, pichadas, violadas, militarizadas, policiadas (TRINDADE, 2011, p. 8).

Nesse sentido, é fundamental entender que uma das principais formas de praticar uma pedagogia antirracista é proporcionar sujeitos de diversas raças e etnias sejam representadas no cotidiano escolar nas mais variadas formas, valorizar a imagem e a importância da prática de uma educação que seja voltada para a diversidade, corrigindo práticas racistas que são apresentadas de forma estrutural em nosso cotidiano escolar.

Pensar uma pedagogia antirracista que torne visível de forma igualitária personalidades, pensadores, pesquisadores de todas as raças e etnias que formaram nosso país e que, ainda hoje, contribuem para a construção de uma educação que respeite todas as subjetividades de todos aqueles que estão inseridos no âmbito escolar, é uma das metas primordiais e fundamentais para uma educação pautada na diversidade.

Atuar dentro da perspectiva de uma pedagogia que seja de fato antirracista é perceber a diversidade das existências presentes no espaço escolar, é compreender cada ser como único e múltiplo, compreender cada anseio e possibilitar práticas que ressaltem afetos e humanidade.

Nos momentos de grande exclusão social, como os tempos atuais, é importante perceber que a pedagogia antirracista precisa ressaltar as diversidades presentes nas existências dos sujeitos inseridos no cotidiano escolar, tendo isso como eixo fundamental e compreendendo que a estrutura racista permitiu que a História e Cultura Africana fossem invisibilizadas ao longo dos anos, pois:

A ausência quase total de protagonistas negros influencia a forma de as pessoas verem a realidade. Quando se observa que o negro só aparece como coadjuvante ou com sua imagem vinculada a algo negativo, seja na novela da TV ou na matéria do jornal, compreende-se como a mídia pode influenciar a maneira de as pessoas entenderem as relações dos grupos étnicos na sociedade, perpetuando os preconceitos. A representação do negro ou a ausência dela -, seguindo os padrões que o colocam em posições subalternas, faz com que grande parte da sociedade reproduza as “vozes do racismo” (BRANDÃO & SANTOS, 2015a, p. 13).

A pedagogia antirracista se aplica dentro do cotidiano escolar com base na diversidade e na troca de saberes respeitando as subjetividades e singularidades presentes dentro do espaço escolar. Sendo assim, o que se busca é uma educação que respeite cada indivíduo. Isso significa propor uma prática a partir de valores civilizatórios afro-brasileiros, buscando uma nova estrutura educacional, com base na compreensão e no respeito às experiências desses alunos e alunas inseridos num sistema de invisibilidade que, dentro deste processo, emergem como sujeitos visíveis através de:

Uma prática docente que seja voltada para a diversidade étnica e cultural da nossa população, sobretudo dessa população que ao longo da história do Brasil, vem sendo alijada dos direitos civis, sociais e humanos, dessa população que dorme nas filas por uma vaga na escola pública. Uma prática docente política ideológica e humanamente comprometida como nosso povo mestiço, belo, forte, que luta que surpreende, que ri, que chora, que cria cotidianamente saberes e estratégias, práticas que possibilite viver/sobreviver, num tempo em que a exclusão social é vista como um valor positivo e como inevitável (TRINDADE & SANTOS, 1999, p. 16).

A pedagogia antirracista é baseada principalmente no ideal de ressaltar a diversidade em prol do reconhecimento de subjetividades que historicamente foram invisibilizadas. Para tanto, é necessário propor uma prática docente diferenciada que possa abranger todo corpo discente. Ressaltar a diversidade é compreender que podemos e devemos ser múltiplos e diversos e que o cotidiano escolar deve ser acolhedor, maximizando o respeito e a coletividade.

### **METODOLOGIA DO PROGRAMA A COR DA CULTURA**

O projeto “A Cor da Cultura” teve sua metodologia desenvolvida por Azoilda Loretto da Trindade, pedagoga e doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), intelectual negra e ativista de suma importância nos períodos que antecedem a promulgação da Lei 10.639/03 e durante sua implementação.

Na construção do percurso metodológico, percebemos a inserção dos valores civilizatórios afro-brasileiros que criam possibilidades de contar novas histórias, de inserir alunos e alunas, com suas subjetividades, dentro deste ambiente escolar que pode e deve ser acolhedor e respeitoso com todas e todos.

Os valores civilizatórios afro-brasileiros são, ainda hoje, fundamentais para a construção de uma pedagogia antirracista e podem ser pensados e aplicados dentro e fora das instituições de ensino, agindo como estratégia de múltiplas atuações.



Os valores civilizatórios afro-brasileiros são: Memória, Ancestralidade, Religiosidade, Oralidade, Musicalidade, Cooperação/Comunitarismo, Axé (energia vital), Corporeidade, Ludicidade e Circularidade. Esses valores ressaltam e valorizam a História da África e dos povos da diáspora, são princípios e normas que corporificam um conjunto de aspectos e características existenciais, espirituais, intelectuais, materiais, objetivas e subjetivas, que se construíram e se constituem num processo histórico, social e cultural, nas palavras de Azoilda:

Ao destacarmos a expressão “valores civilizatórios afro-brasileiros”, temos a intenção de destacar a África, na sua diversidade, e que os africanos e africanas trazidos ou vindos para o Brasil e seus e suas descendentes brasileiras implantaram, marcaram, instituíram valores civilizatórios neste país de dimensões continentais, que é o Brasil. Valores inscritos na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração. Queremos destacar que, na perspectiva civilizatória, somos, de certa forma ou de certas formas, afrodescendentes. E, em especial, somos o segundo país do mundo em população negra (TRINDADE, 2005, p. 30).

Os valores civilizatórios afro-brasileiros são, ainda hoje, fundamentais para a construção de uma pedagogia antirracista e para um ambiente escolar que seja repleto de afeto. Se entendemos que tudo que está neste plano terreno é sagrado, nada mais justo que tenhamos olhares e ações diferenciadas com todos os seres que vivem ao nosso redor. Essa atitude nos fará perceber como nossa fala e nossas ações com o outro são importantes.

O princípio do Axé, qual seja, a ENERGIA VITAL, está presente em tudo que é vivo e que existe. Tem axé, ou seja, tem energia vital, nas plantas, água, pedras, gente, bicho, ar, tempo, tudo é sagrado e está em interação (TRINDADE, 2005).

A ORALIDADE, ou seja, a expressão oral, é carregada de sentido, de marcas de nossa existência (TRINDADE, 2005). Nossa fala evidencia o nosso estar no mundo, a capacidade de se comunicar e aprender com o outro. Nossas existências são marcadas por silenciamentos opressores que nos tornam invisíveis dentro da sociedade. Portanto, o ato de falar é libertador.

A roda tem um significado muito grande, é um valor civilizatório afro-brasileiro (TRINDADE, 2005) que resgata nossas tradições mais antigas através da CIRCULARIDADE. No momento em que podemos olhar e tocar uns aos outros nos tornamos mais próximos.

O corpo é muito importante na medida em que com ele vivemos, existimos e somos no mundo. A CORPOREIDADE (TRINDADE, 2005) é compreender nosso ser e estar no mundo

e, com isso, percebermos que nossas existências, subjetividades e diversidades são de suma importância.

A **MUSICALIDADE** é um dos aspectos afro-brasileiros mais emblemáticos (TRINDADE, 2005), pois a música faz parte de nossas existências e refletem muito daquilo que pensamos. A música promove momentos únicos de entrelace entre os corpos numa perspectiva de integração e harmonia, a música aguça nossos sentidos e afeta nossas existências.

**LUDICIDADE**, a alegria, o gosto pelo riso, pela diversão e celebração da vida (TRINDADE, 2005), é um dos caminhos mais fáceis para promover a interação, o senso de coletividade, a ideia de parceria. Através dos momentos de ludicidade podemos afetar o outro e descobrir formas de nos alegrar e celebrar nossas existências.

A cultura negra, afro-brasileira, é plural, do coletivo e da cooperação (TRINDADE, 2005), por isso a **COOPERATIVIDADE** é tão importante para a construção de uma sociedade que trate de forma igualitária todos os sujeitos. Pensar o coletivo é pensar que existe a possibilidade de transformar espaços e pessoas.

Nossos passos vêm de longe e compreender esses valores civilizatórios afro-brasileiros é permitir-se estar aberto para construir espaços diferenciados de convívio, é sentir esses valores inscritos na nossa **MEMÓRIA** e deixar que esta aflore nossa **ANCESTRALIDADE**, pois todas e todos que vieram antes de nós estão presentes neste caminho.

A **RELIGIOSIDADE** como elo primordial desses valores civilizatórios afro-brasileiros nos permite entender o aspecto sagrado do cuidar e ser cuidado, do ver e ser visto, do compreender e ser compreendido, do afetar e ser afetado, pois nossos corpos são como templos sagrados de uma ancestralidade potente e pujante que atua a todo momento e em todos os espaços, modificando e transformando existências.

A metodologia pensada por Azoilda demonstra que o projeto “A Cor da Cultura” parte dos valores civilizatórios afro-brasileiros para valorizar o patrimônio cultural e o reconhecimento da história do povo negro na formação da sociedade brasileira. Nesse sentido, é uma metodologia diaspórica que se pauta em três eixos:

1) Modos de Sentir (acolhimento e diálogo), pois para que haja acolhida como aceitação do outro é necessário que haja diálogo, ou seja, a troca proporciona o acolhimento necessário do outro (de corpos e culturas);

2) Modos de Interagir (prática-teoria-prática), compreendendo que as mudanças são perceptíveis na ação cotidiana, pensar um cotidiano escolar que na prática abrace todo o corpo

discente não é tarefa fácil e, por isso, implementar uma pedagogia antirracista requer um trabalho diário e contínuo;

3) Modos de Ver (valores civilizatórios afro-brasileiros): o programa “A Cor da Cultura” foi uma proposta, desde o início, para fazer pensar sobre a valorização e afirmação do patrimônio cultural africano e afro-brasileiro e teve como mote ressaltar os valores civilizatórios afro-brasileiros com o objetivo fundamentado de promover atitudes e comportamentos.

Os valores civilizatórios afro-brasileiros forjam uma virada epistêmica na promoção de uma educação que seja efetivamente antirracista, tendo como elo a afetividade que perpassa por todo o processo. Percebemos que estes valores não são de forma alguma lineares ou estáticos, mas, sim, se conectam e interpenetram e se constituem num amálgama de saberes.

Sendo assim, a metodologia implementada no programa “A Cor da Cultura” propõe uma mudança de perspectiva nas estruturas das instituições e na ação docente, a partir de mudanças na perspectiva eurocêntrica de ensino – já que não podemos esquecer que tanto a mídia, quanto as instituições de ensino, sempre produziram conteúdos identificados com critérios e valores europeus.

## **CONCLUSÃO**

A representação, valorização e reconhecimento cultural da História e Cultura afro-brasileira fazem parte do processo de implementação de uma pedagogia antirracista que promove transformações na realidade da população negra do Brasil, ainda hoje vitimada pelas injustiças econômica e cultural que necessitam ser erradicadas.

As instituições de ensino são espaços de diversidade, dos encontros e das diferenças de ideias e valores e precisam, ainda hoje, de profissionais atentos a essa discussão, por estarem nas trincheiras do combate às desigualdades.

Existiu e ainda existe uma demanda por uma pedagogia antirracista e se pensarmos que, durante um bom tempo, o programa “A Cor da Cultura” foi a grande referência para a formação de educadores e educadoras a partir da promulgação da Lei 10.639/03, então devemos ressaltar que a existência do projeto foi fundamental.

A perspectiva defendida pelo programa “A Cor da Cultura” nos mostra que é necessário implementar uma pedagogia antirracista no cotidiano escolar, estabelecendo um debate e uma luta diária contra o racismo.

Atualmente o programa “A Cor da Cultura” está suspenso, mas é preciso relembrar que, durante alguns anos, foi a iniciativa mais estruturada e sistemática em torno da valorização da História e Cultura africana e afro-brasileira, ajudando a reduzir o “fenômeno da invisibilidade” e as práticas racistas nas escolas participantes.

Diante das considerações e dados apresentados, é preciso ressaltar como seria importante ter o programa em atividade novamente, incentivando a formação de educadores e educadoras das novas gerações, vislumbrando a possibilidade de atuação em todo território nacional na promoção de uma pedagogia antirracista para as instituições de ensino.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, A. P.; SANTOS, K. **Saberes e Fazeres**: Caderno de Textos: Projeto A Cor da Cultura. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2015a.

BRANDÃO, A. P.; SANTOS, K. **Saberes e Fazeres**: Caderno de Metodologia/ Coleção Kit Pedagógico: Projeto A Cor da Cultura. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2015b.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer técnico nº 003/2004**. Brasília: Ministério da Educação, 10 de março de 2004. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp\\_003.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf). Acesso em: 28 jul. 2020.

TRINDADE, A. L. da. Valores Civilizatórios Afro-brasileiros na educação. **MEC– Valores afro-brasileiros na Educação**. Boletim, v. 22, 2005.

TRINDADE, A. L. da; SANTOS, R. **Multiculturalismo**: mil e uma faces da escola. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

**Artigo recebido em:** 29 de julho de 2020.

**Artigo aprovado em:** 2 de setembro de 2021.